

# Na ordem dos sentidos: modos do ver e do dar a ver

Mariana Duccini

**FREIRE, Marcius; LOURDOU,  
Philippe (Orgs.) (2009).**

*Descrever o visível – cinema documentário e  
antropologia fílmica.*

São Paulo: Estação Liberdade. 316 p.



**Resumo:** *Descrever o visível* – cinema documentário e antropologia fílmica apresenta, por meio de dez artigos científicos, um panorama contemporâneo tangente aos estudos da antropologia fílmica, vertente de pesquisa em que a realização cinematográfica sobrevém como parâmetro principal da investigação. Para além de profícuo meio de acesso à alteridade, o filme, nesse contexto, torna possível a experiência de partilhamento, em que os sujeitos filmados podem interpretar as próprias imagens, intervindo nas formas de apresentação dessa experiência.

**Palavras-chave:** antropologia fílmica, documentário, descrição.

**Abstract:** **In the order of senses: ways of seeing and let be seen.** *Describing the visible* – Documentary cinema and filmic anthropology presents, in 10 scientific articles, a contemporary overview on filmic anthropology studies – a research strand that supervenes filmmaking as the main parameter of investigation. This field preconizes filmmaking as the most important stage in ethnographic researches. For beyond a fruitful mean of access to otherness, the film – in this context - makes possible the sharing experience – in which the recorded subjects can interpret their own images, intervening in the ways presenting this experience.

**Keywords:** filmic anthropology; Documentary film; Description.

Nos anos 1920, quando vieram a público as imagens do esquimó que protagonizava uma narrativa heroica na vastidão branca da Baía de Hudson, insinuava-se no campo

da antropologia um ponto de inflexão. A expressividade das cenas tensionava conceitos sobre trabalhos de campo, formas de conduta do pesquisador na relação com a alteridade, reconhecimento do filme como algo além de um instrumento complementar à observação convencional.

Se *Nanook of the north* recobriu-se da aura de filme antropológico por excelência, não faltaram vozes destituíntes que o acusaram de “pouco científico”. No mais das vezes, os ataques provieram do julgamento do trabalho de Robert Flaherty sob parâmetros anacrônicos em relação à obra. *Nanook* abre importante precedente à legitimação de formas encenadas no documentário, com vistas à recuperação de tradições. Ainda além, o estabelecimento de uma análise conjunta do trabalho (entre pesquisador e sujeitos observados) acenou com os fundamentos da antropologia partilhada – método levado ao paroxismo por Jean Rouch, que atribuiu a Flaherty papel fundamental na circunscrição de uma ética tangente ao documentário etnográfico.

Resultante desse esforço fundador, o reconhecimento do filme como objeto científico consolidou a disciplina da antropologia fílmica. *Descrever o visível – Cinema documentário e antropologia fílmica* advém como obra referencial em um universo que exorbita as fronteiras da etnografia, abrangendo de maneira mais imediata o cinema documentário e algumas vertentes dos estudos culturais.

Organizado por Marcius Freire, professor livre-docente da Universidade de Campinas, e Philippe Loudou, da Universidade Paris X –Nanterre, o livro reúne dez artigos de autores devotados à antropologia fílmica, em que a realização cinematográfica é o principal arcabouço de pesquisa. A perspectiva panorâmica, nos diferentes temas e métodos propostos pelos pesquisadores, é a característica mais expressiva da obra.

A introdução situa a necessidade de investigações que viabilizem um contato estreito entre pesquisadores e informantes, resposta a questionamentos irreduzíveis que relevam das relações eu-outro. O texto sublinha uma inerência descritiva aos filmes etnográficos (referencializando um aforismo de Wittgenstein que exprime ser necessário, em dado momento, passar da explicação à simples descrição). Isso porque a descrição dos aspectos sensíveis dos fenômenos abre caminho à descoberta – e não à mera constatação comprobatória, medida de um olhar capaz de ver apenas aquilo que espera ver.

Em “Elementos de método em antropologia fílmica”, Annie Comolli desdobra as relações entre recursos técnicos e antropologia partilhada. Aludindo ao aspecto imprevisível da atividade humana, reconhece no registro fílmico a possibilidade de “desembotar o olhar do pesquisador”, pois há na imagem uma exorbitância de significados que apenas a observação posterior e repetida (“diferida”, nos termos de Claudine de France) dará conta de interpretar. “Relações interétnicas e performance ritual: ensaio de antropologia fílmica sobre os Waiwai do norte da Amazônia”, de Rubem Caixeta de Queiroz, relata a produção de um filme sobre o *shodewiko*, rituais em que o grupo auto-interpreta o con-

tato com o mundo exterior. Dado o caráter intercultural do *shodewiko*, o exame diferido das imagens permite apreender as formas de organização social e as representações identitárias dos Waiwai.

O aspecto ritualizado em fotografias de casamento é tema de “Encenar a lembrança: a fotografia de casamento”, de Nathalie Conq-Pfersch, que aproxima a *mise en scène* dessas imagens e os correspondentes papéis sociais desempenhados pelos atores. “Imagem em movimento e estudo dos aprendizados infantis no grupo indígena Wasusu”, de José Francisco Serafim, explicita o lugar que a criança ocupa naquela sociedade, delineando as formas pelas quais se inscreve como membro do grupo. “Primeiras aproximações fílmicas do espaço doméstico em Samoa”, de Silvia Paggi, traz a observação de comportamentos no ambiente doméstico, verificando nesse micro universo protocolos rituais que reiteram as disposições hierárquicas da estrutura social samoana.

Em “Cinema e ritual no Vale do Amanhecer: aspectos metodológicos da antropologia fílmica”, Marilda Batista emprega as técnicas do visionamento partilhado como forma de estabelecer vínculos com os agentes e, ao mesmo tempo, reorientar a própria *mise en scène*. A realização aborda o Ritual da Estrela, em uma comunidade religiosa do Distrito Federal brasileiro. Igualmente, as escolhas de *mise en scène* aparecem em “Retrato fílmico de um artesão-camponês através da *mise en scène* de uma técnica material”, de Jean-François Moris, que busca descobrir o modo de vida do informante por meio das atividades materiais por ele desenvolvidas.

“Espaço e tempo na capoeira: estudo de uma técnica do corpo em antropologia fílmica”, de Roberta Matsumoto, analisa contrastivamente duas vertentes da capoeira (angola e regional), sublinhando como os traços distintivos revelam diferentes estratégias dos africanos (em termos de insubmissão ou de afrontamento) no relacionamento com o branco dominador. “O ritual andino Santiago: uma interpretação etnocinematográfica”, de Carlos Pérez Reyna, conjuga duas importantes grades teóricas: a observação diferida, de Claudine de France, e a interpretação sob o ponto de vista dos nativos, de Clifford Geertz, para investigar o ritual de reprodução/preservação do gado em um povoado camponês dos Andes peruanos.

Fechando o volume, “Estudo da antropologia através da imagem”, de Yasuhiro Omori, retoma a ideia de novas atitudes metodológicas implicadas à análise de comportamentos humanos por meio de imagens. O texto se refere à necessidade de uma abordagem dos fenômenos orientada pela inteligência conceitual – medida e valor de qualquer intento científico –, mas denuncia a infertilidade desse empreendimento caso o espectador não possa penetrar, por meio da intuição, no universo emocional e psíquico daquelas vidas que se dão a ver.

Para além do caráter ilustrativo ou exemplar da condução de pesquisas etnográficas orientadas pela produção fílmica, o conjunto de artigos de *Descrever o visível* consegue

articular em eixo comum as injunções éticas implicadas nessa vertente de estudo. Não por acaso, todo o livro é atravessado pela voz que reconhece um tributo ao trabalho de Jean Rouch – notadamente ao apreender nas imagens em movimento não uma síntese reducionista da alteridade, mas um meio de penetração no universo subjetivo do outro.

MARIANA DUCINI é doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

marianaducini@gmail.com